POR IANDARA PIMENTEL SANTANA*

As cirurgias plásticas são muito procuradas no Brasil. Segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), o país ocupa o segundo lugar no ranking mundial. E os implantes de silicone nos seios é um dos carros chefes, perdendo apenas para o procedimento de lipoaspiração. Porém, a cirurgia de aumento dos seios vem sofrendo queda nos últimos anos.

De acordo com a ISAPS, em 2018, houve mais de 14 mil explantes de prótese de silicone mamária no Brasil. Já em 2020, ano com os dados mais atuais, foram feitas mais de 25 mil cirurgias do tipo. Para o cirurgião plástico e membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) Fernando Lamana, esse aumento de 74% reflete a tendência de mamas menores e estética mais natural. "Muitas das pacientes não desejam mais a prótese mamária por se verem em contextos de vida diferentes ao que apresentavam quando mais jovens."

A tendência de corpos com mais curvas e seios grandes, presente principalmente depois dos anos 2000, sofre um baque com a volta da estética de corpos magros, como visto em eventos recentes, nas semanas de moda de 2023 em Nova York, Londres, Milão e Paris. Esse termômetro fashion mostra que os seios naturais e pequenos estão cada vez mais em destaque, o que reflete nas cirurgias pedidas pelas mulheres em centros médicos. "Observo um número significativo de pacientes que não desejam implantes e buscam resultados estéticos mais naturais e com colos mais discretos", explica. O médico completa que cirurgias para reverter o caimento dos seios e reconstruir a estrutura também têm sido procuradas.

Para o cirurgião plástico William Itikawa, membro da SBCP, outro fator importante levado em conta pelas mulheres na escolha da retirada do silicone nas mamas é a segurança. "O número de explantes tem aumentado devido à conscientização das pacientes sobre os riscos que as próteses podem oferecer", acredita. Esse é o caso de Mariana Fortti. A empreendedora de 32 anos colocou silicone aos 21 anos e, quase uma década depois, tirou os implantes por motivos de saúde.

Adoecimento

Mariana desenvolveu a síndrome ASIA e a doença do silicone, cujos primeiros sintomas, segundo ela, apareceram quatro meses depois da operação. "Mas foi após sete anos com a prótese que os sintomas se tornaram sistêmicos, e a saúde piorou de maneira mais significativa", explica.

Durante o período, a empreendedora sofreu com urticária crônica, fadiga, dor nas juntas, olhos e tremor nas mãos. Para tentar frear os sintomas, utilizou corticoides para conter as inflamações, medicamentos e tratamento psicológico para tratar as crises. Mesmo com todas as tentativas, ela conta que somente em 2023, quando realizou o explante do silicone, os sintomas melhoraram, e a disposição voltou. "Em algumas semanas, eu já estava superbem", conta.

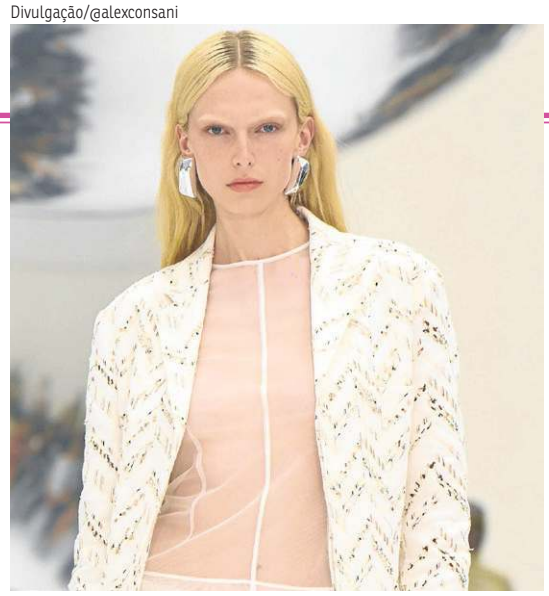
A melhora da saúde mental de Marina também foi perceptível — as crises de pânico e ansiedade que a acometiam praticamente sumiram. "Percebi ausência do nevoeiro cerebral, da fadiga e da tontura, que eram constantes", finaliza.

Além dessas doenças, William Itikawa lembra que pacientes com silicone podem apresentar contratura capsular, ou seja, endurecimento da cápsula ao redor da prótese, que causam deformidades visíveis ou palpáveis, assim como rotação das próteses. As rupturas também podem ocorrer, mesmo que sejam raras, sendo causadas por desgaste natural ou acidentes, como quedas. Essa ruptura pode ocasionar mudanças estéticas e resultar em outros problemas, como inflamação na área. Nesse caso, o explante é altamente recomendado.

Todos esses riscos são levados em conta pelas mulheres que decidem explantar. "Geralmente, não há um único motivo que leva a paciente a optar pela operação e, sim, uma conjunção de fatores que culminam na decisão de ficar sem os implantes", explica William. O profissional ainda lembra que as próteses não são vitalícias, precisando de um cuidado regular com um cirurgião plástico para evitar o desenvolvimento desses problemas.

***Estagiárias sob a supervisão de Sibele Negromonte**

Divulgação/@alexconsani



Alex Consani desfilando na Semana de Moda de Milão. A modelo é um símbolo dessa volta de corpos mais magros e com seios menores às passarelas

INDICAÇÃO LITERÁRIA

Além de empreendedora, Mariana Fortti é escritora. Em 2023, lançou o livro *Explante, explante meu: a doença do silicone e a necessária jornada de autoaceitação*, em que relata a jornada da aplicação dos implantes de silicone, passando pelos problemas físicos e emocionais gerados pela operação, até a realização do explante mamário. Mariana compartilha, de forma completa, a sua experiência, fortalecendo e encorajando mulheres que estão passando pelo processo, além de debater conceitos sobre autoestima e questões relacionadas à indústria estética.

Síndrome ASIA

Trata-se de uma doença autoimune em que há a ativação de anticorpos contra o próprio organismo. Segundo o cirurgião plástico William Itikawa, um dos fatores que pode desencadear a síndrome é o silicone. Seus sintomas podem ser dores crônicas e inflamação nas articulações.

Doença do silicone

A doença tem relação com geobleending, que se refere às prováveis intoxicações causadas pelas substâncias que se soltam de dentro da prótese para o organismo. Esse microextravasamento do gel do silicone, segundo William Itikawa, pode causar dores articulares e fadiga. De acordo com o médico, ainda não se sabe ao certo de que forma as substâncias causam os sintomas, por isso não há reconhecimento formal da doença, mas ela é relatada por muitas mulheres que colocaram implante de silicone.

PRIMEIROS ESTUDOS

Artigo da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), de 2020, aponta o Linfoma Anaplásico de Células Gigantes Associado ao Implante Mamário (BIA-ALCL) como um distúrbio que se desenvolve como resposta imunológica à inflamação crônica induzida pelo implante mamário. Entre os sintomas, são citados aumento de mama, dor, assimetria, nódulo na mama ou axila.